

SAUSP.DOC

JULHO/AGOSTO DE 2023.

Entre a memória e o registro: dois tempos de uma pesquisa no Museu Paulista-USP

José Hermes Martins Pereira¹

Quando desenvolvemos nossas atividades cotidianas, nem sempre nos damos conta dos registros deixados pelo nosso trabalho. Mesmo nos órgãos que têm como missão a memória institucional – onde as demandas são sempre superiores aos recursos materiais e humanos disponíveis –, a tarefa de levantar informações sobre um determinado período histórico estará sempre limitada à existência de registros documentais e/ou de memórias pessoais que possam ser mobilizadas para tal.

Após mais de duas décadas atuando como pesquisador, técnico e servidor público na área de Patrimônio Cultural, fui contemplado com uma oportunidade ímpar, que me permitiu refletir sobre a minha trajetória profissional e, ao mesmo tempo, produzir registros da minha atuação no Museu Paulista (o nosso querido Museu do Ipiranga) em diferentes contextos. Neste ensaio procurarei relatar essa experiência do ponto de vista de quem lida atualmente com a gestão de documentos da Universidade de São Paulo, mas que também reconhece, como historiador, que para cada registro sempre há uma motivação prática, legal, cultural ou afetiva.

Como sabemos, em 2022 se comemorou o bicentenário da Independência do Brasil. Dadas as estreitas relações do Museu Paulista com a efeméride, nada mais natural do que assumir o 7 de setembro como data para a reabertura da instituição ao público, após nove anos de seu fechamento, e isso não ocorreria sem a pompa e circunstância que a ocasião merecia. Além de todas as reformas e ampliações ocorridas no edifício-monumento, a nova fase contaria também com um novo projeto expositivo concebido pelos docentes curadores, com vistas a oferecer aos visitantes o contato com o maior número possível de itens das coleções e com as pesquisas ali desenvolvidas.

O novo projeto dedicou especial atenção ao próprio funcionamento do MP, com toda uma ala pensada em apresentar ao público o conceito de *ciclo curatorial*, utilizando, para isso, exposições dedicadas aos “4 C”: *coletar, catalogar, conservar e comunicar*. Em cada uma das salas, diferentes coleções foram mobilizadas para exemplificar e propor reflexões sobre as atividades rotineiras da instituição. A imersão nessas atividades, muitas vezes “invisíveis” ao grande público, também servia para demonstrar como o ensino, a pesquisa e a extensão – o tripé da Universidade – se integram nas ações de um museu universitário.

Em 2021, a convite da professora Vânia Carneiro de Carvalho, coordenadora do projeto expositivo, integrei-me à equipe. Ela era responsável pela exposição *Comunicar: Louças*, focada no

¹ Bacharel em História pela FFLCH USP (2002), mestre pela FAUUSP (2007). É especialista em Pesquisa/Apoio de Museu do Arquivo Geral da USP. Curador adjunto da exposição *Comunicar: Louças*, do Museu Paulista - USP

quarto “C” do ciclo curatorial, o Comunicar. Meu engajamento nesse momento tão especial do Museu Paulista foi motivado por um projeto de pesquisa que desenvolvi na instituição ainda em 2002, cujo recorte se referia à implantação da indústria de louças na cidade de São Paulo, na região do ABC paulista. Lembro aqui que o termo *louça*, hoje associado a uma infinidade de utensílios para uso doméstico de diferentes materiais, é comumente utilizado nos museus para se referir, preferencialmente, às *faianças e porcelanas* de mesa.



Foto 1: Visitante na exposição Comunicar: Louças.

Mas por que, em meio a um acervo tão diverso e representativo, a coleção de louças foi escolhida para tratar justamente da comunicação, ou seja, da face pública do trabalho? Numa exposição cuja proposta era mostrar aos visitantes o lado menos conhecido das atividades do Museu, a opção pelo tema se justificava devido ao seu apelo estético e simbólico por um lado e, por outro, pelo próprio histórico da coleção e das relações intrínsecas que a louça estabeleceu com a pesquisa e perfil da sociedade que se queria representar a partir daqueles objetos.

Ainda hoje, em muitos museus, as louças figuram ora como representantes de épocas passadas e de hábitos que se perderam, ora como signos de prestígio dos seus antigos possuidores. No Museu Paulista, diversas circunstâncias e decisões proporcionaram uma mudança gradual e significativa do perfil das coleções – não apenas na de louças –, desencadeando um processo cuja análise, pelas lentes do presente, nos conta muito sobre as práticas de curadoria da instituição.

Esse processo foi tributário, em grande parte, ao Plano Diretor do MP elaborado pelo professor Ulpiano Bezerra de Meneses, quando seu gestor (1989-1994), a partir do qual foram abertas novas frentes de pesquisa alinhadas aos eixos temáticos do *Cotidiano e Sociedade, Universo do Trabalho, e História do Imaginário*. Diante de possibilidades e problemáticas ainda pouco exploradas, foram produzidos interessantes estudos sobre arqueologia, industrialização, consumo e circulação de mercadorias, e até mesmo sobre as próprias práticas curatoriais do Museu.

Inserido nesse contexto está o projeto de pesquisa intitulado “A implantação da indústria de louça em São Paulo”, orientado pela professora Heloísa Barbuy, à época docente e supervisora do Serviço de Objetos do Museu. Desenvolvida em 2002 com apoio da Fapesp, a pesquisa se propôs a suprir a carência de informações acerca da produção de bens de consumo em larga escala, muitas vezes desprestigiados na historiografia acerca da industrialização em geral. O trabalho também foi motivado pelo contraste numérico entre as louças de origens estrangeiras presentes na coleção, e as de fabricação nacional, fornecendo pistas de como as inquietações da curadoria já influenciavam as pesquisas no Museu.

A retomada de um trabalho realizado por mim há quase 20 anos não seria possível sem a mobilização de memórias pessoais e institucionais. Enquanto elaborava os textos dos painéis e as legendas dos objetos sob supervisão da professora Vânia, surgiam-me lembranças das pesquisas em arquivos, bibliotecas e museus da Capital e do ABC, bem como das visitas a antiquários e a fábricas de louça, cuja alegria proporcionada pelas descobertas realizadas era potencializada pela parceria das docentes Heloísa e Margarida Andreatta, bem como dos colegas da equipe técnica e estagiários do MP.

A cada objeto selecionado no banco de dados, a cada marca de fábrica reproduzida, a cada texto revisitado para encaminhar uma questão, misturavam-se as memórias do estudante, do técnico e do historiador, cuja trajetória profissional se delineou a partir dessa imersão nos estudos do patrimônio cultural. E esse retorno, ocorrido em um momento peculiar de uma instituição centenária e prestigiada, só aumentava a expectativa e a responsabilidade com relação ao trabalho a ser desenvolvido.

No início, embora ainda não estivesse muito claro para mim, pude perceber aos poucos qual era, para a curadoria, a ligação entre uma exposição sobre a Comunicação no Museu e o meu trabalho de pesquisa. Por mais que isso soe pretensioso, havia um consenso entre os curadores do Museu de que o tratamento dado à coleção de louças – a partir de pesquisas e aquisições ocorridas na década de 1990 – exemplificava um importante momento para os trabalhos de curadoria da instituição.

Esse período pode ser ilustrado por uma sequência de acontecimentos, como doações de louças fabricadas em São Paulo; um estudo sobre as marcas de fábrica das porcelanas do Museu, realizado por Suzana Fernandes (1999); o incremento na catalogação dos objetos em banco de dados informatizado; ou mesmo a transformação da minha pesquisa na exposição *Louça paulista* (2003), que culminou com a publicação do meu relatório de pesquisa em livro (Edusp, 2009). A estes acontecimentos, poderia somar a reação positiva do público ao ver louças comuns, do cotidiano, expostas no Museu do Ipiranga, impressão que provocou uma onda de doações de objetos, fotografias e documentos, tanto de visitantes quanto de familiares dos proprietários das antigas fábricas.

Como resultado desse novo olhar por parte da curadoria e do público, a coleção de louças tornou-se mais representativa numérica e simbolicamente, ao passo que os novos itens aumentaram o conhecimento sobre um ramo industrial até então pouco estudado, estimulando pesquisas análogas, como a de Ludmila Souza sobre os brinquedos da Metalúrgica Matarazzo. Revisitar esse período significou, portanto, mergulhar novamente nos bastidores do Museu, local onde a pesquisa e o tratamento técnico de coleções, as parcerias profissionais e o compartilhamento de saberes desdobram-se numa exposição, na publicação de um catálogo, livro ou artigo científico, no registro de um depoimento, na produção de materiais educativos, dentre outras formas de *Comunicação* do Museu com o seu público.

Além da memória pessoal, onde mais encontrar registros e referências sobre o trabalho realizado pelas equipes do Museu? A produção bibliográfica, nesse caso, ocupa um lugar privilegiado. Textos

publicados por docentes e seus orientandos nos Anais do *Museu Paulista*, bem como as dissertações e teses produzidas a partir de suas coleções, dão a dimensão dos avanços nas áreas. Ao lado disso, o banco de dados da instituição, atualmente disponível on-line, coloca-nos diante dos avanços da catalogação devidamente creditados às pesquisas realizadas e seus autores.



1-07-03-000-08322-00-00-01

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

HISTÓRICO

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

INFORMAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Tipo de Aquisição
DOAÇÃO

Signatário
MARGARIDA DAVINA ANDREATTA

Data de Aquisição
11/02/2002

Compilador/Data
ROSANA GIMENES, 02/02; JOSÉ HERMES MARTINS, 07/06/2002. JOSÉ HERMES MARTINS, 05/05/2003, HELEN CLARO 28/01/2015; LEONARDO VIEIRA 23/09/2015

Foto 2: Captura de tela do banco de dados on-line do Museu Paulista-USP. O objeto em tela foi doado pela arqueóloga Profa. Dra. Margarida Andreatta, que o coletou em um antiquário após reconhecer uma marca identificada com a cidade de São Caetano do Sul-SP, em uma peça cuja decoração remete ao padrão inglês Willow, ou “dos pombinhos”.

Esse retorno ao Museu Paulista me trouxe ainda a oportunidade de auxiliar, mesmo que brevemente, no tratamento de parte da documentação institucional. Foi emocionante o contato com os materiais de pesquisa da arqueóloga Margarida Andreatta, reconhecida por seus estudos sobre a cultura material paulista e orientadora de importantes trabalhos em arqueologia urbana. Lembro-me do esforço de organização desse patrimônio documental, que a própria docente realizou junto à colega Marizia Tonelli.

Neste esforço de recuperação se pode incluir os registros em áudio e as transcrições dos depoimentos de familiares dos antigos proprietários das fábricas, as cartas de doação de objetos e documentos, e até mesmo meus contratos de trabalho autônomo com a USP, que foram firmados por conta da demanda pela catalogação das doações recebidas. Em busca de informações sobre a mostra de 2003, recebi do museólogo Ricardo Nogueira Bogus um conjunto de fotografias de sua autoria, que documentaram a museografia por ele elaborada: um claro registro do trabalho daquela época, mobilizado em função de uma demanda do presente. Como se vê, alguns registros são óbvios, enquanto outros exigem pesquisas e imersão no tema e no contexto, e até mesmo, sempre que possível, o conhecimento de pessoas envolvidas naquelas atividades.



Foto 3: Vitrine da exposição “Louça Paulista”.

Por fim, escrever sobre minha participação no novo projeto expositivo do Museu Paulista - acontecimento tão relevante tanto à Universidade quanto à sociedade - fez-me pensar em como nossos caminhos profissionais estão sempre permeados por desafios, descobertas, afetos, conquistas e aprendizados. Como parte disso fica restrita à nossa memória, sempre haverá uma forma de recuperar tais informações, desde que o interesse da pesquisa assim o deseje.

* Para mais informações sobre a exposição *Comunicar: Louças*, acesse <https://museudoipiranga.org.br/exposicoes/>

Texto: José Hermes Martins Pereira

Foto 1: Fotografia de Cecília Bastos, 2022. Agência USP de Notícias.

Foto 2: Fonte: https://acervoonline.mp.usp.br/documentos-tridimensionais/servico-consumo-806/?order=ASC&orderby=date&perpage=12&search=sopeira&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc_tax_163595&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=10913&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&pos=2&source_list=collection&ref=%2Fdocumentos-tridimensionais%2F. Acesso em: 25 ago. 2023.

Foto 3: Fotografia de Ricardo Nogueira Bogus, 2003.

Diagramação: Victor Shirai

Informe de eliminação e recolhimento de documentos

Lista de Eliminação de Documentos 01/2023:

EESC, publicada no D.O.E. em 18 de julho 2023.

Eliminados 1,02 metros lineares de documentos.

EP, publicada no D.O.E. em 14 de julho 2023.

Eliminados 16,60 metros lineares de documentos.

FAU, publicada no D.O.E. em 03 de julho 2023.

Eliminados 10,20 metros lineares de documentos.

FFCLRP, publicada no D.O.E. em 28 de julho 2023.

Eliminados 2,98 metros lineares de documentos.

HRAC, publicada no D.O.E. em 17 de julho 2023.

Eliminados 22,10 metros lineares de documentos.

Lista de Eliminação de Documentos 02/2023:

RUSP/CODAGE/DA/DAD/DADAI, publicada no D.O.E em 05 de julho de 2023.

Eliminados 16,02 metros lineares de documentos.

FFCLRP, publicada no D.O.E. em 28 de julho 2023.

Eliminados 0,25 metros lineares de documentos.

No total foram eliminados 69,17 metros lineares de documentos no mês de julho de 2023.